## KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo.

São Paulo: Companhia das Letras, 85p.

Wagner Lins Lira<sup>a</sup>

Na contemporaneidade, qual mundo ruma ao colapso devido a pretensões totalizantes consentidas a favor da civilização global? De que forma herdamos – e ao mesmo tempo construímos para futuras gerações – um Planeta conduzido por paradigmas dicotômicos no explicar e sentir as coisas da vida? Considerando a expectação ocidental, que se propende à compreensão do mundo, podemos considerá-la fadada ao fracasso? Afinal, o que esperar do presumível desenlace das "verdades"? O fim ou uma oportunidade de se repensar ideias, atitudes e relações para adiarmos o inevitável?

O recente livro de Ailton Krenak busca refletir sobre estas inquietações em tom dialógico – afinal a obra é exposta a partir do compilado de suas falas – quando se propôs discutir desafios e potencialidades da modernidade na compreensão de problemas passados e coetâneos, convidando-nos a um instigante exercício filosófico e transcultural de superação de fronteiras, em prol do alargamento dos saberes que precisam transgredir o que é ensejado por fundamentalismos tecnicistas.

a Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Membro dos Grupos de Estudos Álcool e Outras Drogas (UFPE) e Trasnsdisciplinaridade, da Infância e da Juventude(UFRPE). Email: wagneip79@gmail.com.

A principal de suas ponderações gira em torno da forma histórica, excludente e dialética como nossa civilização vem erigindo uma concepção enviesada de humanidade - justificadora de arbítrios e violências - ao distinguir humanidades 'esclarecidas' das 'obscurecidas', estando as últimas passíveis de 'iluminação' capitaneada pela razão totalizante. Agressão contumaz entranhada desde os primórdios da 'antiética capitalista'.

Em consequência, utilizando-se desta concepção unificadora de pessoa, certas agências internacionais atuam no Planeta associadas a um 'corporativismo monstruoso' induzido por mitos irrestritos para o governo da Terra, aliás, vista sob o prisma da natureza não-humana e seletivamente conservada 'aos pedaços' conforme interesses mercado-lógicos. Mitos que relativizam perdas subjetivas e ou naturais, quando territórios, saberes e pessoas entram em conflito com os pressupostos do progresso.

Mesmo sendo a humanidade uma ideia pretensiosamente absoluta, Krenak indica-nos que boa parte do contingente mundial – sobretudo em países periféricos- sequer aproxima-se desta condição, uma vez que são alocados às margens do Planeta, representando agrupamentos expulsos da civilização, embora forjados nas lutas para viver e sobreviver em precárias condições estruturais. Destinadas a servirem ou não como mão de obra às veleidades do mercado, segundo Ailton, as pessoas daqui defrontam-se com um 'mundo maluco' respaldado em relações de clientelismo e fetichismo do desenvolvimento, ao passo que são ludibriadas com os 'esplendores da razão'.

Neste caso é que são fabuladas concepções contrafeitas a favor do governo do mundo o que, para Krenak, figura um dos meios cruciais de assaltar perspectivas milenares sobre a natureza, o cosmos e o sagrado, uma vez que o Ocidente buscou alienar tais dimensões, afastando-as da humanidade. Ele demonstra as potências resilientes dos saberes tradicionais, apregoando que no universo tudo é natureza, pois trazem-na para o cerne das culturas, além de nutrirem com os elementos – animados, inanimados e imaginados – encadeamen-

tos interativos, quando entendem que todos eles são arrogados por panoramas mantenedores de afetos através de dádivas, intensões e solidariedades.

Visões de mundo perenemente desvanecidas em benefício do tecnicismo global fundador de prospectivas artificiais sustentadas por tecnologias enganadoras a serviço da 'perversidade corporativa'. Assim caminha a humanidade – a passos de zumbis – gradualmente subalterna aos impulsos dos 'donos do Planeta', que nos mantêm alheios da módica posição humana na conjuntura cósmica, demovendo-nos do 'organismo Terra'.

Ailton detecta que quando a razão se afastou da natureza iniciaram-se os estranhamentos e os ataques contra os agrupamentos que a ela são afeiçoados, na medida que a organicidade destas pessoas – vinculada às formas intercorrentes com as quais se relacionam com a vida – destoa da dialética capitalista. Logo, os 'filhos da Terra' são retirados de cena devido às catástrofes e extermínios seletivos iniciados com as grandes navegações do final do Século XV.

Uma antiética, descrita por Krenak, enquanto gestora pertinaz de 'consumidores' – e não de 'cidadãos do mundo' – hábil, de antemão, a minar outras formas de vida, sabedorias e subjetividades a ela contrapostas no perfazer de um cenário nubiloso, onde são engendradas ideologias e subjetividades individualistas cada vez mais intolerantes, quando vão de encontro aos prazeres da vida, assim como à criatividade da diversidade.

Diante desta dramática trama histórica, o autor questiona se, de alguma forma, seria-nos possível reduzir os danos da razão, que, ao que lhe parece, acelera a 'queda humana', assim interpelada como a finita passagem de nossa espécie que – tal qual as demais – habita num dialógico fluxo planetário obnubilado por lentes maniqueístas. Por ser a decaída irremissível, é que Ailton pondera sobre a possibilidade de adiarmos o fim, postergando impactos na invenção coletiva de focos de resistência, segundo ele, ilustrados pela metáfora dos 'para quedas coloridos', que precisam ser arquitetados no cotidiano, acima

de tudo, quando dedicamo-nos a contar 'histórias desconhecidas' respaldadas nas artes, tecnologias e saberes ancestrais.

Criativas subversões oriundas de elementos visionários rutilados por performances indutoras de sonhos e êxtases hábeis ao desvelamento de realidades não perceptíveis, embora imanentes à 'conectividade cósmica'. Perspectivas que reordenam as relações dos humanos entre si, mas com outros seres e elementos, ao passo que alargam noções de tempo, espaço e território. Modelos de resistência estimulados pela expansão de subjetividades, enquanto o Ocidente propendeu-se à retração das mesmas.

Neste sentido, inadiáveis mudanças paradigmáticas precisam de compreensões inclusivas por parte das ciências, Universidades, escolas e outros centros do saber capazes de erguerem verdadeiras 'ilhas de resistência'. Por este ângulo, devemos lançar mão da ideia fixa que permeia as relações predatórias dos humanos entre si e dos mesmos com a Terra, inclusive carecemos de uma definição mais plural e realista de humanidade.

Ailton incentiva-nos à relutância epistêmica que precisa manterse alerta para os 'sinais dos tempos' pontualmente detectados – no Antropoceno, que representa a recente história moderna do Ser Humano no Planeta - quando recusamos outras companhias no decorrer da viagem cósmica, optando pela queda rápida e solitária ao dessabor da modernidade. O recado é claro! Precisamos preservar nossas subjetividades, não as lançando ao apetite do mercado, tal qual deixamos transcorrer com a natureza.

Destarte, o fim dos tempos se anuncia com a síncope de cômodas verdades, especialmente, diante da falência dos pressupostos que nos elegeram como permanentes usurários de um Planeta, cuja finalidade exclusiva seria a de nos prover com seus fartos recursos. Daí o desespero, a insegurança e a 'paranoia da queda' sob ameaça de perda dos prazeres e das necessidades, quando a provedora Terra se abstém a fornir.

Então que saibamos aprender com os desastres de cada tempo, tendo clareza de que, enquanto espécie, já testemunhamos vários fins de mundo. Talvez esta seja a mensagem mais contundente deste livro, quando nos alerta para o fato de não estamos desacompanhados e descompromissados com o universo, posto que somos capazes de aprender com os erros, além de termos potencial coletivo para frear e enfrentar os contratempos do progresso na construção cotidiana e dialógica de um mundo melhor.

Recebido em abril 2020. Aprovado em julho 2020.